

Perfil dos usuários que utilizam antipsicóticos atípicos em um serviço de saúde mental de Ouro Preto - Minas Gerais**Profile of users who use atypical antipsychotics in a mental health service of Ouro Preto - Minas Gerais**

DOI:10.34119/bjhrv3n5-190

Recebimento dos originais: 08/08/2020

Aceitação para publicação: 30/09/2020

Windson Hebert Araújo Soares

Farmacêutico Residente Multiprofissional em Cuidado Humanizado da Criança e do Adolescente pelo Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais
Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais
Endereço: Av. Prof. Alfredo Balena, 110 - Santa Efigênia, BH - MG, 30130- 100
E-mail: soareswindson@gmail.com

Juliana de Souza Lima Coutinho

Enfermeira Residente Multiprofissional em Saúde do Idoso
Hospital das Clínicas - Universidade Federal de Minas Gerais
Endereço: Av. Prof. Alfredo Balena, 110 - Santa Efigênia, BH - MG, 30130- 100
E-mail: jslc Coutinho@gmail.com

Naiara Lima Chaves

Enfermeira Residente Multiprofissional em Saúde do Idoso
Hospital das Clínicas - Universidade Federal de Minas Gerais
Endereço: Av. Prof. Alfredo Balena, 110 - Santa Efigênia, BH - MG, 30130- 100
E-mail: naiaralimachaves@gmail.com

Juliane Conceição Costa Ribeiro

Enfermeira Residente Multiprofissional em Saúde do Idoso
Hospital das Clínicas - Universidade Federal de Minas Gerais
Endereço: Av. Prof. Alfredo Balena, 110 - Santa Efigênia, BH - MG, 30130- 100
E-mail: julianeec.ribeiro@gmail.com

Daiane Oliveira Simão

Nutricionista Residente Multiprofissional em Saúde Cardiovascular pelo Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais
Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais
Endereço: Av. Prof. Alfredo Balena, 110 - Santa Efigênia, BH - MG, 30130- 100
E-mail: daianeor7@gmail.com

Naycelle Aparecida Gomes Ribeiro

Nutricionista Residente Multiprofissional em Cuidado Humanizado da Criança e do Adolescente pelo Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais
Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais
Endereço: Av. Prof. Alfredo Balena, 110 - Santa Efigênia, BH - MG, 30130- 100
E-mail: naycellegribeiro@gmail.com

Alessandra Rafaela Cardoso Amaral

Terapeuta ocupacional Residente Multiprofissional em Saúde do Idoso
Hospital das Clínicas - Universidade Federal de Minas Gerais
Endereço: Av. Prof. Alfredo Balena, 110 - Santa Efigênia, BH - MG, 30130- 100
E-mail: amaral.arc@gmail.com

Kézia Elizama Alves Moura

Farmacêutica Residente Multiprofissional em Cuidado Humanizado da Criança e do Adolescente
pelo Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais
Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais
Endereço: Av. Prof. Alfredo Balena, 110 - Santa Efigênia, BH - MG, 30130- 100
E-mail: keziamourafarmaceutica@gmail.com

RESUMO

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa observacional descritiva, de abordagem quantitativa que utiliza de um levantamento de dados secundários, a partir de prontuários clínicos de pacientes atendidos no Centro de Atenção Psicossocial de Ouro Preto (CAPS I – OP). Conclui-se que a maioria dos usuários que utilizaram antipsicóticos atípicos no CAPS I - OP no período analisado eram do sexo feminino, solteiros, com idade média de 42 anos, com ensino médio incompleto, residentes em Ouro Preto, e que foram inseridos no serviço entre 2005 a 2014. O diagnóstico predominante de patologias mentais relacionadas ao CID F20 – F29, correspondente a esquizofrenia, transtornos esquizotípicos e transtornos delirantes para ambos os sexos, e o principal medicamento utilizado foi a Olanzapina.

Palavras-chave: Reforma Psiquiátrica, Caps, Antipsicóticos Atípicos, Saúde Mental.

ABSTRACT

The present study is characterized as a descriptive observational research, quantitative approach that utilizes a secondary data collection, from clinical records of patients seen in Community Health Center in Ouro Preto (CAPS I – OP). It is concluded that most users who used atypical antipsychotics in Ouro Preto CAPS I in the analyzed period were female, single, with an average age of 42 years, with incomplete secondary education, residents of Ouro Preto, and which were entered in the service between 2005 to 2014. The diagnosis were predominant mental pathologies related to CID F20-F29 schizophrenia correspondent, esquizotípicos disorders and delusional disorders for both sexes, and the main medication used was olanzapine.

Keywords: Psychiatric Reform, Caps, Atypical Antipsychotics, Mental Health.

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001a), os transtornos mentais atingem cerca de 700 milhões de pessoas no mundo. No Brasil, aparecem cerca de 75.000 novos casos de esquizofrenia por ano, o que representa 50 casos para cada 100.000 habitantes (OLIVEIRA et al, 2012).

A definição atual de esquizofrenia indica uma psicose crônica idiopática, caracterizada por distorções do pensamento e da percepção, por inadequação e embotamento do afeto sem prejuízo

da capacidade intelectual (SILVA, 2006; MS, 2013). Com essa concepção, tem-se a criação dos manicômios como um dos recursos para a exclusão social definitiva de pessoas em sofrimento mental (AMARANTE, 2006).

Desse modo, a assistência aos transtornos mentais severos e persistentes antes prestados nos hospícios, foram sendo substituídos para os Centros de Atenção Psicossocial (OLIVEIRA, 2012), proporcionando então, a substituição do modelo centrado na internação hospitalar, para um modelo de cuidado clínico diário que promova a reabilitação clínica e social dos pacientes portadores de transtornos mentais (OMS, 2001^a).

Atualmente, assegura-se o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) como um serviço criado para atender pacientes psicóticos prioritariamente, e sob este viés, conhecer o perfil dos usuários que utilizam antipsicóticos torna-se um parâmetro fundamental para pensar e repensar o funcionamento do serviço para estes usuários.

2 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa observacional descritiva, de abordagem quantitativa que utiliza um levantamento de dados secundários, a partir de prontuários clínicos de pacientes atendidos no CAPS I localizado na cidade de Ouro Preto no estado de Minas Gerais.

A população estudada foi constituída pelo universo de usuários que estavam registrados na ficha de controle de dispensação de medicamentos orais presentes na farmácia de janeiro a agosto de 2016, e usuários que utilizaram antipsicóticos atípicos com prescrições retidas na farmácia do CAPS I - OP.

As variáveis pesquisadas foram as características sociodemográficas de idade, sexo, escolaridade, estado civil, local de residência, data de inserção no serviço, diagnósticos de acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID - 10), terapia farmacológica, condições clínicas associadas e outras características comportamentais.

A coleta de dados considerou a última prescrição médica no prontuário. Cada prontuário foi consultado uma única vez e por um único pesquisador de campo durante o primeiro trimestre de 2018. Os dados obtidos a partir das análises das variáveis contidas nos prontuários clínicos foram tabulados e analisados através da estatística analítico-descritiva, com auxílio do software Microsoft Office Excel 2010.

Este estudo seguiu os preceitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, denominada Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, que

preconiza o anonimato e o sigilo das informações de todos os participantes analisados em prontuários, sendo submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Ouro Preto (CAAE nº 82343318.0.0000.5150).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O CAPS I - OP é destinado prioritariamente ao atendimento do público adulto, este estabelecimento de saúde possui 8.712 prontuários abertos, com aproximadamente 954 prontuários ativos referentes ao período de Janeiro a Agosto de 2016. Este dado é representativo visto que, segundo a OMS, 10% da população do Brasil sofre de transtornos mentais, e segundo o IBGE, estima-se que Ouro Preto em 2017 tinha uma população de 74.659 mil habitantes, 10% desta população representa então 7.466 mil habitantes portadores de algum distúrbio mental.

No período estudado, 59 usuários utilizaram antipsicóticos atípicos no CAPS I - OP. Destes, 36 pacientes utilizavam antipsicóticos atípicos mediante liberação controlada do medicamento, algumas possíveis hipóteses para esse controle de dispensação de medicamentos se baseia no possível comprometimento cognitivo do usuário que o impeça de cuidar do próprio tratamento de forma racional.

Dessa forma, o controle da medicação é um mecanismo eficiente para ajudar o paciente no uso regular do medicamento, como também garantir a adesão do paciente ao tratamento proposto (BRASIL, 2011). Sob outra perspectiva, é também um dos mecanismos de controle para garantir que os usuários continuem recebendo a medicação no decorrer do tratamento, visto que, estes antipsicóticos atípicos presentes nos Medicamentos do Componente Especializado da Assistência Farmacêutica são buscados pelo município de Ouro Preto na Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais, esta exige preenchimento de laudo médico constando a necessidade da medicação trimestralmente para a renovação da continuidade do tratamento.

Durante o período analisado, o número de dispensações de medicamentos no CAPS I - OP foi de 1649, obtendo uma média de 206/mês. Destas dispensações, 603 (36,6%) dispensações ocorreram para pacientes usuários de antipsicóticos atípicos.

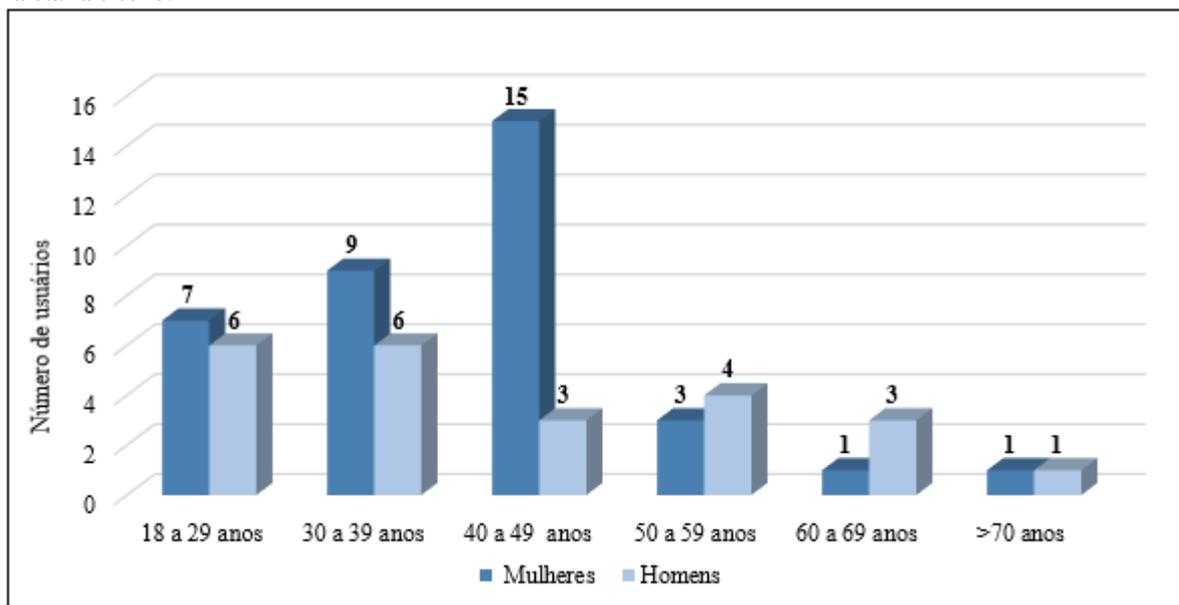
Dentre os usuários de antipsicóticos atípicos, constatou-se a prevalência do público feminino (61%). Essa prevalência coincide com o estudo de Oliveira (2020) que buscou identificar o perfil dos usuários de um Centro de Atenção Psicossocial II do Rio Grande do Sul, e encontrou uma prevalência de 59% de usuários do sexo feminino. Entretanto, este dado quando comparado aos encontrados por Mangualde (2013) realizado em Barbacena – MG, divergem quanto ao sexo

predominante dos usuários atendidos no serviço, onde 56,7% dos usuários que ingressaram no CAPS era do sexo masculino.

Considerando a faixa etária dos usuários, 31% dos usuários tinham entre 40-49 anos. Desse modo, constatou-se que a questão de saúde mental no município de Ouro Preto atinge usuários numa faixa etária considerada produtiva ou economicamente ativa do sujeito, quando este busca a inserção no mercado de trabalho ou a constituição e consolidação de uma família, conforme visto também em outros estudos, como o de Barboza e Silva (2012), e o estudo de Oliveira e Silva (2014).

Este achado é interessante, visto que, a esquizofrenia atinge tanto homens quanto mulheres de forma proporcional, porém, de acordo com o estudo de Chaves (2000), que procurou descrever as diferenças entre os sexos na esquizofrenia, observa-se que homens têm uma idade de início da doença mais precoce que as mulheres, e que também foi observado neste estudo de acordo com o exposto pela Figura 1. Neste gráfico percebe-se que, os homens que utilizam antipsicóticos atípicos se concentram principalmente na faixa etária de dos 18-39 anos, e as mulheres que utilizaram antipsicóticos atípicos se concentram em torno após os 30 anos.

Figura 1. Distribuição dos usuários de antipsicóticos atípicos entre janeiro e agosto de 2016 no CAPS I - OP, conforme faixa etária e sexo.



Fonte: Elaborado pelos autores.

A idade média dos usuários atendidos no serviço, foi de 42 anos, igual ao observado no estudo de Pinheiro (2016). Entretanto, quando se faz a idade média por sexo, o valor encontrado difere da média geral, mulheres com idade média de 40 anos, e homens com idade média de 44

anos. Porém, corrobora com o que foi encontrado por Pereira (2011), que obteve a idade média do homem maior que a idade média das mulheres atendidas no serviço de Saúde Mental do município de Lorena – São Paulo.

Quanto à escolaridade, 46% dos prontuários analisados não continham esta informação, e dos que apresentavam, 22% dos usuários possuíam ensino médio incompleto. Em outros estudos, como o de Lima (2017) realizado em Rondônia, foi verificado que a maioria dos usuários atendidos nestes CAPS possuíam o ensino fundamental incompleto. No entanto, vale ressaltar que quase metade dos usuários não possuíam este dado em seus prontuários.

Em relação ao estado civil, dos 59 prontuários analisados, 85% destes usuários estavam solteiros, 13% casados e 2% viúvos. Uma hipótese seria que os antipsicóticos atípicos podem provocar disfunções sexuais, afetando negativamente o relacionamento conjugal. Por outro lado, o estudo de Zago (2015), realizado no município de Pelotas, verificou que 51,3% dos usuários dos centros de atenção psicossocial com transtornos de humor e esquizofrenia, que aderiram ao tratamento medicamentoso tinham companheiros.

Em relação à inserção no serviço, mais da metade dos usuários (30 pacientes) entraram entre os anos de 2005 e 2014, devido ao aparecimento do primeiro surto psicótico. Os antipsicóticos atípicos são usados nos casos de esquizofrenia refratária, ou seja, nos casos graves e de difícil estabilização. Esquizofrenia refratária é a esquizofrenia resistente ao tratamento, podendo ser caracterizada pela permanência de sintomas (positivos ou negativos), apesar do tratamento adequado.

Percebeu-se que a grande maioria dos usuários que utilizaram antipsicóticos de janeiro a agosto de 2016 no CAPS I - OP frequentam o serviço a mais de 6 anos. O tempo que os pacientes frequentam os serviços de saúde mental é muito significativo, visto que, para o serviço fornecer melhor qualidade aos pacientes, se faz necessário uma atenção contínua a estes usuários para os mesmos não abandonarem o tratamento (MOLL et al, 2012; ZAGO, 2015)

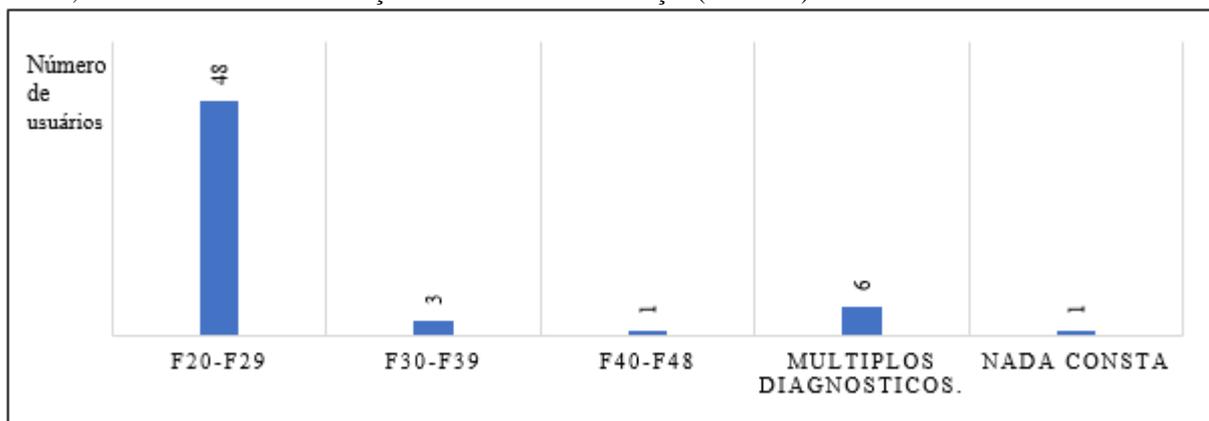
Alguns autores vêm relatando o fenômeno da "nova" cronicidade que surge nos dispositivos substitutivos de saúde mental, através da hipótese da baixa resolutividade ou ainda a falta de trabalho em rede com as unidades de saúde para encaminhar estes usuários para outros serviços de saúde inseridos na Rede de Atenção Psicossocial em seus territórios (AMARANTE, 2007; SEVERO, 2009).

Em relação a análise do CID, 52 prontuários tinham apenas um CID-10 e/ou suas subcategorias, 6 prontuários tinham usuários com múltiplos diagnósticos (Figura 2), e apenas 1

prontuário não continha o CID, visto que este usuário utilizou o serviço apenas uma vez para tratamento de sintomas psicóticos promovido por uso de substâncias psicoativas.

Desse modo, observa-se que o diagnóstico de maior prevalência neste estudo foi de Esquizofrenia, transtornos esquizotípicos e transtornos delirantes (F20 – F29). Este dado corrobora com o estudo de Carmo (2016), onde analisou-se 71 prontuários do CAPS II no Município de Candeias-Bahia, e constatou-se que os transtornos mentais de maior frequência apresentados no estudo, estiveram relacionados ao que a CID - 10 considera como Esquizofrenia, transtornos esquizotípicos e transtornos delirantes (F20 – F29).

Figura 2. Distribuição dos diagnósticos de transtornos psíquicos dos pacientes do CAPS I – OP entre Janeiro e Agosto de 2016, de acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID - 10).



Fonte: Elaborado pelos autores.

Em relação ao tratamento farmacológico, buscou-se identificar no prontuário dos usuários o registro dos medicamentos prescritos nos últimos 3 meses referentes ao ano de 2016. Foram contabilizados 25 tipos de medicamentos, 20 medicamentos disponibilizados no Componente Básico da Assistência Farmacêutica (CBAF) e 5 medicamentos no Componente Especializado da Assistência Farmacêutica (CEAF). Os medicamentos inseridos no CBAF estão disponíveis para qualquer pessoa residente no município com qualquer diagnóstico. Já o CEAF é vinculado a um processo administrativo ligado à Secretaria Estadual de Saúde, seguindo critérios estabelecidos no Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas do Ministério da Saúde. Ressalta-se que, por se tratar de um serviço público, com usuários na grande maioria em condições financeiras limitadas, busca-se sempre prescrever medicamentos possam ser adquiridos via SUS, a fim de obter maior adesão à terapia medicamentosa.

Dentre os antipsicóticos dispensados durante os meses de janeiro a agosto do ano de 2016, a Olanzapina foi o medicamento mais dispensado, representando 45% dos usuários. De acordo com a Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais (SES-MG, 2016), dos 9.156 medicamentos

dispensados de Janeiro a Julho de 2016 para tratamento da esquizofrenia, os medicamentos mais dispensados foram a Olanzapina (4.399) seguida da Quetiapina (1.574), o que coincide com o nosso estudo.

Foi constatado que 20 pacientes utilizam os medicamentos em monoterapia. A vantagem desta conduta clínica é a inexistência de interações medicamentosas, probabilidade de menores efeitos adversos e maior adesão ao tratamento. A Olanzapina representou 38% dos antipsicóticos atípicos usados em monoterapia. Uma hipótese pode ser a incisividade deste antipsicótico sobre os sintomas delirantes e alucinatorios, associado ao seu perfil de apresentar menores sintomas extrapiramidais (OLIVEIRA, 2000).

Dos 39 pacientes que continham associações de medicamentos, a maior associação foram com os antipsicóticos típicos (representando 53.8% das associações com o Decanoato de Haloperidol). Na falha terapêutica do antipsicóticos típicos em monoterapia, uma das alternativas clínicas seria associar outro antipsicótico ao tratamento, no caso, um antipsicótico atípico. Destaca-se também que este manejo clínico não é descrito nas diretrizes para o tratamento farmacológico da esquizofrenia, definido nos Protocolos e Diretrizes Terapêuticas do Ministério da Saúde (2013).

Em relação ao padrão de associação entre antipsicóticos atípicos e típicos, o estudo de Ferreira (2016), procurou analisar a utilização de antipsicóticos na esquizofrenia em diferentes espaços assistenciais da saúde mental e no espaço do CAPS, a associação entre Risperidona e Clorpromazina foi a mais prevalente. No nosso estudo, realizado com os dados de prontuário de janeiro a agosto de 2016, a associação mais prevalente foi Olanzapina e Decanoato de Haloperidol.

Foi observado durante a análise, que as prescrições apresentaram uma média de 2,5 medicamentos por prescrição, sendo que a OMS (1993) sugere que seja 2 medicamentos por prescrição para não haver excesso de medicamentos. Uma hipótese para este achado é que o paciente inserido no serviço de saúde mental apresenta maior predisposição em ter outras comorbidades e transtornos mentais, necessitando, portanto, de maiores intervenções medicamentosas para o manejo do quadro clínico. Além disso, a necessidade de adicionar outros medicamentos na terapia a fim de fazer o controle e o manejo dos efeitos adversos dos antipsicóticos atípicos para garantir a adesão do usuário ao tratamento. Há de se lembrar também que o CAPS atende pessoas com transtornos mentais graves, persistentes e em crise, requerendo mais medicações e terapias nesta fase, ademais, os antipsicóticos atípicos são usados nos casos mais graves de esquizofrenia refratária, portanto, casos que requerem uso de vários medicamentos na busca de uma estabilização.

Com relação às características comportamentais relatadas em prontuário, 66% dos usuários não fazem uso de álcool, tabaco ou drogas; 15% são usuários de tabaco e 5% são usuários de drogas. Este dado é representativo, visto que, é um CAPS estruturado para atender prioritariamente usuários não dependentes de álcool e drogas, e corrobora com os estudos de Souza e Padula (2020).

Dos usuários que utilizaram antipsicóticos atípicos de janeiro a agosto de 2016 no CAPS I - OP, 70% deles não tiveram outras patologias sem ser a patologia de base relatada em prontuário, 12% tiveram Hipertensão, 8% tiveram Diabetes e 5% Hipotireoidismo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil dos usuários que utilizaram antipsicóticos atípicos no CAPS I de Ouro Preto no período analisado caracterizam-se por indivíduos do sexo feminino, solteiras, com idades médias de 42 anos, ensino médio incompleto, que foram inseridas no serviço entre 2005 a 2014. O diagnóstico predominantemente foram as patologias mentais relacionadas ao CID F20 – F29, correspondente da esquizofrenia, transtornos esquizotípicos e transtornos delirantes. O medicamento mais prescrito foi a Olanzapina.

Conclui-se que este serviço, substitutivo ao hospital psiquiátrico faz parte da rede de saúde mental de Ouro Preto, e presta assistência de referência para garantir o acompanhamento contínuo do usuário. Desse modo, é fundamental trabalhos que avaliem a cronicidade destes pacientes nestes serviços, compreendendo a experiência dos usuários com o uso de seus medicamentos, bem como a associação de antipsicóticos atípicos e típicos na mesma prescrição, e correlacionar esses dados através de uma perspectiva mais aprofundada sobre a internação destes usuários em serviços hospitalares.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. (2007). Saúde mental e atenção psicossocial. Rio de Janeiro, RJ: Editora da Fundação Oswaldo Cruz.

AMARANTE, P. Rumo ao fim dos manicômios: História. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/rumo_ao_fim_dos_manicomios.html>

BARBOZA, P.S.; SILVA, D.A. Medicamentos antidepressivos e antipsicóticos prescritos no centro de atenção psicossocial (CAPS) do município de Porciúncula– RJ. Acta Biomedica Brasiliensia, v. 3, n. 1, p. 85-97, 2012.

BRASIL Ministério da Saúde. Guia prático de matriciamento em saúde mental / Dulce Helena Chiaverini (Organizadora) [et al.]. [Brasília, DF]: Ministério da Saúde: Centro de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva, 2011. 236 p.; 13×18 cm.

CARMO, Daniela Cordeiro ; CRUZ, Ligia Souza; SACRAMENTO, Dalva Maria Santana do. Perfil de Pacientes com Transtornos Mentais atendidos no Centro de Atenção Psicossocial do Município de Candeias – Bahia. Revista Brasileira de Ciências da Saúde, Ceará, volume 20, número 2, páginas 93-98, 2016.

CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL. Banco de Dados. Ouro Preto - MG, 2018.

CHAVES, Ana C. Diferenças entre os sexos na esquizofrenia. Rev. Bras. Psiquiatr., São Paulo, v. 22, supl. 1, p. 21-22, May 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000500008&lng=en&nrm=iso>

FERREIRA, T. J. N. Utilização de antipsicóticos na esquizofrenia em diferentes espaços assistenciais da saúde mental. Rev. Bras. Farm. Hosp. Serv. Saúde São Paulo v.7 n.1 17-20 jan./mar. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Projeção da população 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ouro-preto/panorama>>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Estatísticas de Gênero. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0,3R,314610&cat=-1,-2,-3&ind=4693>>

LIMA, Tallany Muniz; SILVA, Joridalma Graziela Rocha Rossi e; BATISTA, Eraldo Carlos. Perfil epidemiológico de pacientes com esquizofrenia em uso de antipsicóticos de ação prolongada. Revista Contexto & Saúde, [S.l.], v. 17, n. 33, p. 3-16, nov. 2017. ISSN 2176-7114. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/6206>>

MANGUALDE, Alice Ananias dos Santos et al. Perfil epidemiológico dos pacientes atendidos em um Centro de Atenção Psicossocial. Barbacena-SP, nº 19, p. 235-248, 2013.

MOLL MF, Silva KJ, Dias ER, Ventura CA. O abandono ao tratamento entre pacientes assistidos

em um Centro de Atenção Psicossocial. J Nurs Health, Pelotas (RS) 2012 jan/jun;2(1):18-27.

OLIVEIRA, H.; CRISTINA BRAUN DA SILVA, R.; MACHADO DOS SANTOS, F.; MOTTA DA COSTA E SILVA, T.; GRAUP, S. Perfil dos usuários de um centro de atenção psicossocial do rio grande do sul. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 8, n. 4, 14 fev. 2020.

OLIVEIRA, Irismar R. Antipsicóticos atípicos: farmacologia e uso clínico. Rev. Bras. Psiquiatr., São Paulo , v. 22, supl. 1, p. 38-40, May 2000 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000500013&lng=en&nrm=iso>

OLIVEIRA, JFM; SILVA ,RJG. Perfil sociodemográfico de pessoas com transtorno mental: um estudo num centro de atenção psicossocial. Revista Eletrônica Gestão & Saúde, Brasília, Vol.05, Nº. 04, p. 2447-57, 2014.

OLIVEIRA, R.M., FACINA, P.C.B.R., JUNIOR, A.C.S. A realidade do viver com esquizofrenia. Rev Bras Enferm, Brasilia 2012 Mar/Abr; 65(2):309-16.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (2001a). Relatório sobre a saúde no mundo 2001 - Saúde Mental: nova concepção, nova esperança. OMS; 2001a.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Como investigar el uso de medicamentos en los servicios de salud. Indicadores seleccionados del uso de medicamentos(DAP. 93.1): OMS, 1993. 87p.

OURO PRETO, Informações Gerais. 2018. Disponível em: <<http://www.ouopreto.mg.gov.br/informacoes-gerais> >

PEREIRA, Maria Odete et al . Perfil dos usuários de serviços de Saúde Mental do município de Lorena - São Paulo. Acta paul. enferm., São Paulo , v. 25, n. 1, p. 48-54, 2012 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010321002012000100009&lng=en&nrm=iso>

PINHEIRO, Sandra Regina Pacheco. Perfil epidemiológico dos usuários do centro de atenção psicossocial (caps i) do município de joaçaba. Pesquisa em psicologia - anais eletrônicos, Santa Catarina, 2016. Disponível em: <https://editora.unoesc.edu.br/index.php/pp_ae/article/view/15444/8402>

SEVERO, A. K. A cronificação nos serviços substitutivos na rede de saúde mental de Natal – RN. 2009. 146 f. Dissertação (mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande no Norte, Natal.

SILVA, Regina Cláudia Barbosa da. Esquizofrenia: uma revisão. Psicol. USP, São Paulo , v. 17, n. 4, p. 263-285, 2006 . Disponível em : <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642006000400014&lng=en&nrm=iso>

SOUZA, R.S; PADULA, M.P.C. Condições de pessoas em sofrimento psíquico acompanhadas em Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e internadas em hospitais. Braz. J. Hea. Rev., Curitiba, v. 3, n. 5, p. 11967-11988 set./out. 2020.

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE MINAS GERAIS, 2016. Disponível em:<<http://www.saude.mg.gov.br/ngc/story/8625-pacientes-com-esquizofrenia-devem-buscar-tratamento-tambem-nos-centros-de-atencao-psicossocial>>

ZAGO, Ana Carolina; TOMASI, Elaine; DEMORI, Carolina Carbonell. Adesão ao tratamento medicamentoso dos usuários de centros de atenção psicossocial com transtornos de humor e esquizofrenia. SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.), Ribeirão Preto, v. 11, n. 4, p. 224-233, dez. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762015000400007&lng=pt&nrm=iso>